

## **GASPAR DE OLIVEIRA VIANA – PARAENSE E GRANDE CIENTISTA DOS TEMPOS DA CRIAÇÃO E BRILHO DO INSTITUTO DE MANGUINHOS**

*Luiz Fernando Ferreira, Ana Maria Jansen, Adauto Araujo*  
Academia Paraense de Ciências – Membros Correspondentes  
Fundação Oswaldo Cruz

O Rio de Janeiro, no princípio do século vinte, viu nascer uma das maiores instituições de pesquisa, ensino e atenção à saúde da América Latina, o Instituto de Manguinhos, que hoje é o complexo da Fundação Oswaldo Cruz.

O panorama da época foi retratado por Ferreira (1992), ao transcrever fragmentos do texto de Aragão (1950):

“Logo que teve assegurados esses colaboradores passou o Barão (o Barão de Pedro Afonso, primeiro diretor de Manguinhos) a cogitar da escolha de um local apropriado para a instalação do futuro instituto e, após algumas excursões pelos arredores do Rio, com ISMAEL ROCHA, OSWALDO e VASCONCELOS, as preferências gerais se convergiram para a Fazenda de Manguinhos, situada à beira-mar, num dos subúrbios da Leopoldina, próximo à cidade todavia naquela época, ainda quasi deshabitados e servidos por escassos trens. A fazenda pertencia à municipalidade que, em outros tempos, havia construído em seus terrenos um forno de cremar lixo que jamais chegou a funcionar, por deficiência técnica”.

“Na faixa lamosa, invadida periodicamente pelas marés que cercava em grande parte o terreno, existiam verdajantes bosques de mangues entre cujas raízes tentaculares se movimentava, incerta, uma variada fauna de bizarros caranguejos e, em cujas copas altas pousavam alvas garças e pachorrentos socós cor de cinza quando não estavam pescando nas águas rasas ou animando o ambiente ermo e tranquilo desse recôncavo da baía do Rio com seus vôos cadenciados.

Espalhadas naquele mar sereno viam-se algumas pitorescas ilhotas e três ilhas maiores – a da Sapucaia, Bom Jesús e Governador, tudo ao longe cercado pela magestosa moldura constituída pela alta serra do Corcovado, Tijuca, Petrópolis, Terezópolis, Pedra Assú e Tinguá”.

“O terreno da fazenda, na parte não atingida pelas marés era silico-argiloso, desdobrando-se em duas colinas separadas por uma baixada pouco larga, vendo-se por todo ele esparsas copados tamarineiros, vetustas mangueiras, cajueiros, pitangueiras, goiabeiras, numerosos coqueiros, uma majestosa esterculeacea, meia dúzia de casuarinas que foram de especial predileção de OSWALDO e um jovem “Ficus benjaminea”, hoje grande árvore cujo tronco se vê ainda ao centro de nossa antiga sala de refeições”.

“....Sobre as colinas existiam duas velhas casinhas, meio arruinadas que se decidiu, então aproveitar-se para os futuros laboratórios após os necessários reparos e adaptações”.

“A razão do agrado de OSWALDO por êsse local isolado e tranquilo foi parecer-lhe o mesmo, desde logo, muito adequado à concretização do grandioso projeto que trouxera

consigo da Europa, de fundar, um dia, no Brasil, uma grande escola de Biologia e Medicina experimental, na qual, a ciência, em que ele depositava “fé eterna”, conforme expressão sua, fosse objeto de um culto constante, cheio de elevação e fervor”.

“Uma vez escolhido o local para o funcionamento do futuro Instituto e determinadas rapidamente as necessárias adaptações para a transformação das duas casinhas da Fazenda em pequenos laboratórios de urgência, assim como resolvida a construção da cocheira, biotérios, sala de sangria e outras dependências imprescindíveis, seguiu o BARÃO DE PEDRO AFFONSO para a Europa afim de adquirir aparelhos e contratar alguns técnicos para completar a equipe”.

“...vinha-se então para Manguinhos pela manhã reunindo-se todos na Estação de S. Francisco Xavier, donde partia o trem suburbano da Leopoldina que servia o Instituto.

Como só havia êsse comboio quem não o alcançasse tinha que fazer uma jornada a pé, de cêrca de quatro quilômetros, muitas vezes sob um sol ardente, ou então debaixo de impiedosa chuva arrostando ainda, à chegada, os olhares pouco satisfeitos do Diretor que era a pontualidade personificada”.

“Logo após à chegada todos os técnicos vestiam suas blusas brancas e iam para seus postos; reinava silêncio e cada qual se ocupava do trabalho que lhe competia realizar, visando o preparo da vacina e do soro antipestosos”.

“Ao soar do meio dia, suspendia-se o labor para o almoço na estreita varanda da Casinha da Fazenda. A mesa estava posta sôbre uma meia porta, que se apoiava sôbre duas barricas vazias e era coberta, parcialmente, por uma toalha grosseira, havendo dois longos bancos de madeira de cada lado, para os os convivas se sentarem. Todos se apressavam porque a comida não era muito abundante: um clássico ensopado de galinha com batatas, arroz, pão e, para terminar, algumas bananas e café ralo. Quem se atrasava só encontrava ossos e traços de arroz. Não havia motivo para que o repasto fosse demorado, e uns vinte minutos depois já o trabalho recomeçava, embora os estômagos não estivessem muito satisfeitos. Não havia jantar e, quem tivesse de ficar até mais tarde no Instituto, devia trazer seu farnel ou então recorrer aos azares das frutas nas matas adjacentes”.

“Todos se sentiam satisfeitos e iam insensivelmente se apegando àquele ambiente, tão novo no nosso meio que era então o de um laboratório de pesquisas”.

“Sentindo-se agora mais firme com o sucesso alcançado pela vacina e o soro antipestosos, iniciou resolutamente a luta pela concretização do programa há muito elaborado, em suas cogitações, lançando-se sozinho ao começo, numa vasta série de originais pesquisas sôbre variados assuntos de Bacteriologia, Hematologia, Entomologia, Patologia tropical e outros e em breve tinha em mãos resultados excelentes, que lhe permitiram a divulgação das suas investigações em tão diversos assuntos”.

“Em 1907, o Brasil, cuja fama de possuir um Instituto de Medicina Experimental e organização de Serviço de Higiene, muito adiantados, havia-se espalhado pelo mundo, foi convidado a fazer representar-se na Exposição Internacional de Higiene, em Berlim. Cêrca de 123 expositores, de 20 países concorrentes, entre os quais figurou o Brasil.

Oswaldo foi designado pelo Govêrno, em começos de 1907, para chefiar a delegação brasileira, cujos outros membros era SALES GUERRA, ROCHA LIMA, ABREU FIALHO, OSCAR DE SOUZA e LUIZ MORAIS”.

“Apesar de tudo, tivemos a sensação de que, com a vitória alcançada em Berlim, mais dia menos dia, o nosso amanhã tão incerto até então, tornar-se-ia estável num futuro ainda não definido mas, certamente próximo, o que de fato veio a acontecer em 12 de dezembro de 1907 quando, o Instituto foi oficializado por lei do Congresso, sancionada pelo Presidente AFFONSO PENA, sendo-lhe substituído o nome de Instituto Soroterápico Federal pelo de Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos, êste mesmo modificado para Instituto Oswaldo Cruz, em homenagem ao Mestre, por ocasião de ser expedido seu Regulamento e feitas as nomeações do pessoal, a 19 de março de 1908.

A lei concedeu autonomia ao Instituto, separando-lhe da Saúde Pública, à qual estivera até então dependente, subordinando-o diretamente ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores (Fig. 1,2).

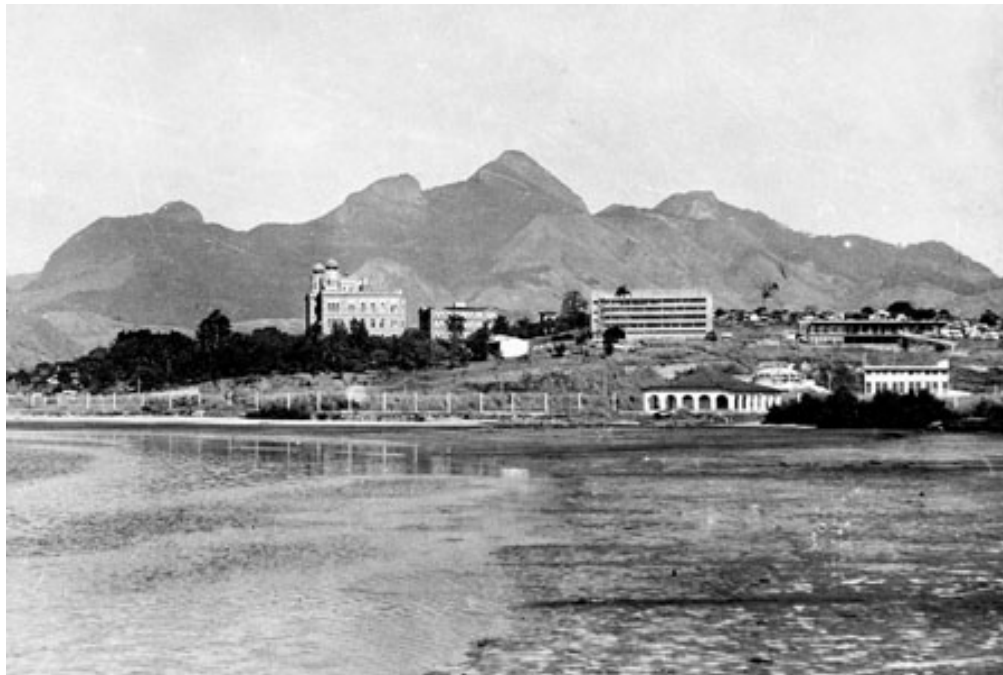


Figura 1. O Castelo de Manguinhos no início do século XX (Fotografia da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, RJ).

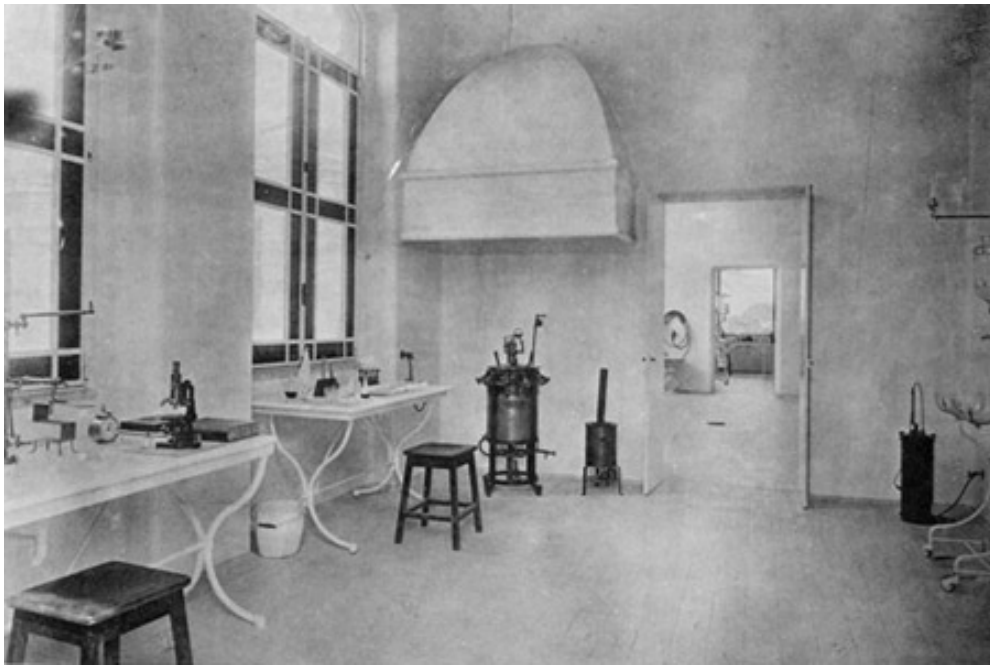


Figura 2. Laboratório para estudo da peste, 1905. (Fotografia da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, RJ)

Ao tempo desta sua organização definitiva, o corpo técnico do Instituto ficou constituído por: OSWALDO CRUZ diretor, HENRIQUE FIGUEIREDO DE VASCONCELOS E HENRIQUE DA ROCHA LIMA chefes de serviço, ALCIDES GODOY, ANTONIO CARDOSO FONTES, ARTHUR NEIVA, CARLOS CHAGAS, EZEQUIEL DIAS e HENRIQUE ARAGÃO, assistentes.

Esses nove elementos ficaram sendo considerados os fundadores do Instituto”.

Foi neste Manguinhos do apogeu que GASPAR VIANNA veio trabalhar em 1910.

De origem portuguesa, seu avô MONOEL GOMES VIANNA emigrara de Viana do Castelo no norte de Portugal em meados do século XIX para se fixar como comerciante na cidade de Belém, GASPAR VIANNA nasceu no Pará a 11 de maio de 1885 (com respeito à data de seu nascimento, ver o editorial de JOSÉ RODRIGUES COURA, publicado em 1985).

Concluindo aos 15 anos o curso secundário no Liceu Paraense (Fig. 3), e após realização de um curso de Agronomia, vem para o Rio de Janeiro em 1903, matriculando-se na Faculdade de Medicina. Logo de início, sente-se atraído pelos estudos de histologia, aproximando-se de CHAPOT PREVOST, o catedrático da época, além de cirurgião famoso.



Figura 3 – Antigo Liceu Paraense, atual Colégio Paes de Carvalho  
(encontrado na internet <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=483286>  
acesso em Maio de 2010)

Grande vocação para o ensino, já nesta época ministrava aulas particulares aos estudantes mais jovens. Sobre esse curso há o depoimento de MAGARINOS TORRES:

“A verdade é que conheci GASPAS VIANNA de modo superficial, embora tivesse sido seu aluno em curso de histologia que mantinha em laboratório particular situado no primeiro andar de um prédio à Rua Gonçalves Dias, se não me engano, no trecho compreendido entre Ouvidor e Rosário.

O curso era essencialmente prático, constando de técnica de coloração de cortes histológicos pela hematoxilina-eosina e outros métodos usuais, até ser organizada uma pequena coleção que era exigida pelo professor. Algumas noções eram discutidas em conjunto ao fim da aula, cada aluno observando por seu turno, ao microscópio, o que o mestre achava importante ser visto.

Ainda nos tempos de estudante aproxima-se de BRUNO LOBO, no Gabinete de Patologia do Hospital Central de Alienados na Praia Vermelha. Juntos, publicam em 1908 “Estrutura da célula nervosa”.

Em 5 de Janeiro de 1909 apresenta a Tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada “Estrutura da célula de SCHWANN dos vertebrados”, a fim de obter o grau de Doutor em Medicina. Foi então convidado por OSWALDO CRUZ para vir trabalhar em Manguinhos.

A esse fato assim se refere ARAGÃO:

“Em 1910 OSWALDO tomou a feliz iniciativa de atrair, para Manguinhos, GASPAR VIANNA um cientista em potencial que errava incerto de laboratório em laboratório, em busca de um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas qualidades de investigador, até então apenas esboçadas.

Em Manguinhos encontrou o que lhe era necessário para revelar sua personalidade predestinada à pesquisa. Em breve enriqueceu o patrimônio científico do Instituto com uma série de trabalhos de real valor; a evolução do “Trypanosoma cruzi” nos tecidos humanos e dos animais, o tratamento da leishmaniose pelo tártaro emético, que abriu o caminho para seu uso no granuloma venéreo e na esquistossomose, a classificação da leishmânia encontrada na úlcera de Baurú e nas “úlceras bravas” do Amazonas, estudos sobre blastomicose e outras micoses”.

GASPAR VIANNA substituiu ROCHA LIMA como anátomo-patologista, e passou a dirigir a então Divisão de Patologia do Instituto. Segundo ARAGÃO, partiu de OSWALDO iniciar seções de necropsias na Santa Casa de Misericórdia para auxílio e confirmação de diagnósticos médicos. Foi também neste período, em 1912, que chegou a Manguinhos o patologista alemão HERRMANN DÜRCKE, e os dois passaram a trabalhar juntos.

Por mais breve que tenha sido sua vida, GASPAR VIANNA deixou um legado de preciosas contribuições científicas. Em relação à descrição da espécie *Leishmania braziliensis*, LEÔNIDAS DEANE comenta:

“Por essa ocasião a leishmaniose tegumentar ocorria como doença importante, acometendo milhares de trabalhadores das zonas de colonização pioneira, produzindo em muitos deles lesões extremamente deformantes. Em 1909 Lindenberg e Carini & Paranhos, em São Paulo, haviam simultaneamente mas isoladamente verificado que a doença era devida a uma *Leishmania* que, julgando idêntica à da leishmaniose cutânea do Velho Mundo, identificaram como *L. tropica*. Vianna passou a interessar-se vivamente por essa moléstia e seu agente e ainda em 1911, em pequena nota saída no “Brazil Médico” mas como trabalho de Manguinhos, criava uma nova espécie, *Leishmania braziliensis*, com z, pois tal era a grafia do nome de nosso país naquela época. A nova espécie foi aliás descrita como tal por um equívoco, perfeitamente justificado: a observação acurada de Gaspar Vianna lhe permitiu ver ‘um filamento corado em vermelho brilhante, que se dirige obliquamente para a parte mediana da maior curvatura, atingindo a membrana da célula. Este filamento – continuou ele – talvez rudimento de flagello, não observado até hoje, segundo cremos, caracteriza de um modo nítido o parasito que encontramos’. Na verdade as outras leishmanias também têm esse filamento – o rizonema, ou parte basal intracelular do flagelo –, mas não havia sido descrito. Embora esse caráter diferencial não exista, hoje a *L. braziliensis* é considerada uma espécie bem caracterizada morfológica, biológica e bioquimicamente”.

São marcantes seus trabalhos em doença de Chagas e na descrição das etapas do ciclo de vida de *Trypanosoma cruzi*. Ainda segundo DEANE, são dele as ilustrações coloridas mais belas que até agora (no centenário de seu nascimento, em 1985) foram publicadas sobre as formas intracelulares de *Trypanosoma cruzi*.

Foi, porém, com a descoberta do tártaro emético para tratamento da leishmaniose e, juntamente com HENRIQUE ARAGÃO, ao aplicá-lo no tratamento do granuloma venéreo (donovanose), que se destacou no campo da ciência e da medicina. Segundo

DEANE, as leishmanioses atingiam centenas de milhares de pessoas no mundo e se sua prevalência à época não diminuiu, seu prognóstico modificou-se inteiramente com a aplicação do tratamento.

LUIS REY refere-se ao tratamento pelo tártaro emético como um êxito que salvou milhões de vidas por esse tratamento e que jamais será "...suficientemente estimado o valor dos benefícios globais trazidos para a saúde e a economia dos povos perseguidos pelas leishmanioses, em todo o mundo".

Em seu discurso sobre GASPAR VIANNA, FERREIRA (1992) transcreve o depoimento de LAURO TRAVASSOS sobre o quase malogrado teste *in vivo* feito com o tártaro emético:

"Conversamos sobre suas experiências, tendo-se referido ele nesta circunstância que quase impediu sua descoberta no tratamento da leishmaniose: havendo escolhido uma enfermaria da Santa Casa determinado doente, aparentemente em boas condições de saúde para iniciar seus ensaios, no dia em que deveria fazer a primeira injeção, encontrou o homem morto.

A autópsia cuidadosa realizada evidenciou múltiplas lesões em vários órgãos, mas nenhum que justificasse tão inesperada morte.

Declarou-me ele que se já houvesse feito alguma injeção, a ela teria atribuído a morte do paciente e não mais prosseguiria nas experiências".

Sobre sua pessoa, DEANE (1985) usa o depoimento de MAGARINOS TORRES, que diz:

"GASPAR VIANNA impressionava por sua afabilidade, compreensão e sobretudo pela vivíssima inteligência que emanava de seus brilhantes olhos verdes". Continua DEANE: De aparência agradável e boa cultura, era um grande conversador e apreciava a vida em suas múltiplas facetas – política, passeios, carnaval e, segundo CERQUEIRA FALCÃO (1962) 'não era infenso aos eflúvios do belo sexo' e teve várias noivas.

"Trabalhava febrilmente excitado ainda por outra febre denunciadora do mal cruel que o ia minando e cujos golpes êle desafiava em segredo numa obstinação em não se submeter ao repouso e a um regime capaz de sustentar melhor suas forças que declinavam a olhos vistos.

Assim viveu êle durante quatro anos que esteve conosco vindo a falecer em junho de 1914, com 32 anos de idade, apenas" (ARAGÃO 1950).

ARAGÃO (1950) comete um deslize nesta memória, pois GASPAR VIANNA faleceu aos 29 anos de idade (ou 28, segundo COURA), após acidente em mesa de necropsia. Aconteceu que, segundo dona Lucila, sua irmã e vizinha de dona Izolette, mãe de FERREIRA (1992), em suas próprias palavras:

"Certo dia, em abril de 1914, chegou a casa GASPAR VIANNA muito apreensivo por lhe haver sucedido grave e imprevisto acidente durante necropsia. Depois de abrir a caixa torácica de um cadáver de tuberculoso, ao incisar a pleura, jorrou inopinada e violentamente no rosto grande quantidade de líquido existente sob pressão dentro daquela cavidade, penetrando-lhe pelo nariz e pela boca e obrigando-lhe a degluti-lo em parte. Poucos dias em seguida, surgiram os primeiros sintomas de infecção que o prostou em menos de dois meses, terminando pelo acometimento às meninges".

FRAIHA NETO (1986) termina sua homenagem a GASPAR VIANNA, feita no centenário de nascimento na Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, com as seguintes palavras:

“É pensamento dominante, entre os especialistas, que nenhum outro o teria superado em conquistas científicas, não fora o trágico e precoce desenlace...A Sociedade de Medicina Tropical orgulha-se de haver assumido o justo encargo de resgatar a memória do inditoso cientista pátrio, uma das glórias da própria medicina universal”.

Por fim, como bem lembra NAFTALE KATZ em sua “Pequena introdução à história da Sociedade Brasileira de Parasitologia”, a logomarca criada por HABIB FRAIHA NETO tem representados um casal de verme adulto de *Schistosoma mansoni*, um barbeiro, um tripanosoma e uma leishmania, representando três endemias parasitárias cuja descoberta teve excepcional participação de três médicos e cientistas brasileiros: PIRAJÁ DA SILVA, CARLOS CHAGAS e GASPAR VIANNA.

Ao nos tornarmos membros da Academia Paraense de Ciências, sendo pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, achamos que prestar esta homenagem a GASPAR VIANNA, pesquisador desta casa e cientista paraense, seria a melhor maneira de iniciarmos nossa participação nesta academia.

## Referências

ARAGÃO, HB. Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, t. 48, p. 1-50. 1950.

CERQUEIRA FALCÃO E 1962. Opera Omnia de Gaspar Vianna, 522pp.

COURA JR 1985. Quando nasceu Gaspar Vianna, em 1885 ou em 1884? Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 80: 257-258.

DEANE L. Gaspar Vianna, no centenário de seu nascimento. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 80: 1-2, 1985.

FERREIRA LF 1992. Gaspar de Oliveira Vianna – 1885-1914. In: Ferreira LF. Novas Chronicas de Manguinhos, 129, p. 43-58.

FRAIHA NETO H 1986. O centenário de nascimento de Gaspar Vianna. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 19: 111-113.

KATZ N 2009. Pequena introdução à história da Sociedade Brasileira de Parasitologia. Revista de Patologia Tropical 38: 227-232.

REY L. Gaspar Vianna e a descoberta do tratamento das leishmanioses pelos antimoniais. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo 4: 1-7, 1962.